

V Encontro Nacional Sobre o Ensino de Sociologia na  
Educação Básica  
23 a 25 de Julho de 2017, Brasília (DF).

Grupo de Trabalho: Percepções, representações e  
situações de violências no ambiente escolar e se entorno  
social.

Título do Trabalho: Juventude, conflitos e construção do  
espaço escolar: desafios para pensar a educação em  
ambientes de diversidade.

Iris de Macedo Rosa – Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro; Nalayne Mendonça Pinto – Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro.

## **1- Introdução**

Este artigo é fruto do projeto de Iniciação Científica intitulado “Construindo uma educação de qualidade: percepções e discursos de agentes escolares e alunos no município de Seropédica” sob orientação da professora Nalayne Pinto e com financiamento FAPERJ entre os anos de 2014 e 2016. Tal projeto era atrelado ao projeto maior “Construindo uma educação de qualidade: análise das expectativas e obstáculos quanto à transformação do ensino público no Estado do Rio de Janeiro” sob coordenação da UFF em parceria com a UFRRJ.

O projeto tinha como objetivo compreender as expectativas de docentes, discentes e familiares acerca da escola pública, no que se refere à escola. O eixo por mim abordado teve enfoque nos *conflitos e violências no ambiente escolar*. Nesse sentido, busco nesse artigo apresentar a trajetória percorrida ao longo da pesquisa, bem como as reflexões e resultados que a mesma gerou.

A metodologia aplicada na pesquisa usou de meios quantitativos e qualitativos. O primeiro com a aplicação de questionários a estudantes da rede pública estadual do Rio de Janeiro. Já o segundo através de entrevistas com professores e diretores da rede pública estadual do Rio de Janeiro.

O artigo se inicia com uma breve revisão da bibliografia estudada que foi tida como base para as reflexões e análises propostas. Na sequência apresento as etapas mais relevantes que ocorreram nos dois anos em que a pesquisa esteve em curso. Por fim, trago as conclusões que a mesma pode gerar para contribuir com o debate acerca do conflito e da violência no âmbito escolar.

## **2- Conflito como gerador de violência escolar**

A escola é um dos pilares institucionais da sociedade moderna ocidental, sua tarefa é propiciar a apropriação do saber sistematizado; desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas; é o caminho para a socialização e formação de cidadãos. A escola não só é a via de acesso ao conhecimento produzido historicamente e socialmente, mas também onde a criança desenvolve

seus valores morais, passa pela fase em que forma seu caráter e convive com a diversidade aprendendo a respeitá-la.

Segundo o Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases<sup>1</sup>, a educação nacional brasileira tem por fim o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Ainda segundo a LDB, em seu Art. 3º parágrafo IV, a escola deve ter como um dos seus princípios o respeito à liberdade e apreço à tolerância. O cenário que encontramos na educação pública brasileira está distante do que direciona a Lei. O presente trabalho tem como proposta discutir como se desenvolve a dinâmica no qual está inserido o conflito no ambiente de diversidade escolar, bem como os desdobramentos que este pode gerar.

A escola é um ambiente de extrema diversidade e convívio intenso, não só entre os jovens que a frequentam, mas também com os que nela trabalham. Portanto, há choque de valores dos diferentes grupos que povoam o ambiente escolar e também das diferentes gerações que estão presentes neste mesmo espaço. Deste modo a divergência e o antagonismo afloram em diversas situações do cotidiano escolar.

Para Chrispino (2007), compreende-se como conflito toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar um acontecimento. O conflito não é de todo ruim, ele faz parte da vida em sociedade. Segundo o autor, entre outros, o conflito:

- Ajuda a regular as relações sociais;
- Ensina a ver o mundo pela perspectiva do outro;
- Permite o reconhecimento das diferenças, que não são ameaça, mas resultado natural de uma situação em que há recursos escassos;
- Ajuda a definir as identidades das partes que defendem suas posições;
- Permite perceber que o outro possui uma percepção diferente;
- Racionaliza as estratégias de competência e de cooperação;

---

<sup>1</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

- Ensina que a controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento social.

O conflito surge com frequência no cotidiano escolar, uma vez que este se caracteriza como um ambiente diverso e de convívio intenso. Porém quando o conflito é negado pela escola, ela é obrigada a lidar com a sua manifestação violenta. As escolas que dão valor e devida importância ao conflito e aprendem a trabalhar com essa realidade, são aquelas onde o diálogo é permanente, objetivando ouvir as diferenças para melhor decidirem; são aquelas onde o exercício da explicação do pensamento é fomentado, objetivando o aprendizado da exposição madura das ideias por meio da assertividade e da comunicação eficaz; onde o currículo considera as oportunidades para discutir soluções alternativas para os diversos exemplos de conflito no campo das ideias, das ideologias, do poder, da posse, das diferenças de toda a ordem; onde as regras e aquilo que é exigido do aluno nunca estão no campo tácito, mas sim explícitos, falados e discutidos.

Partindo desta premissa, a escola tem como característica ser um ambiente de formação profissional e cidadã de estudantes que tem identidades culturais e morais diferentes para que estes estejam aptos à vida em sociedade e ao mundo do trabalho. Porém, quando a escola não consegue administrar os conflitos que surgem nesse processo, perde sua capacidade de inserir seus alunos na ordem social, dando origem a violência escolar.

Nota-se que o sistema educacional foi se eximindo de sua responsabilidade, banalizando a violência. A naturalização de comportamentos tidos como conflituosos e violentos através da cultura de massa, tornou as questões que deveriam ser tratadas com máximo cuidado pelos órgãos competentes como algo tido como do cotidiano escolar. Este panorama indica que a violência na escola foi cada vez mais tratada como problema da área de segurança e cada vez menos apresentou desafios de natureza educativa.

Existem três dimensões sócio organizadoras que interferem na violência escolar. A primeira (Debarbieux, 1999) é a degradação do ambiente escolar, ou seja, a dificuldade e má gestão que precarizam a estrutura física do patrimônio.

A segunda (Guimarães, 1998) diz respeito a questões exógenas à escola, manifesta-se por meio de gangues, o comércio de drogas e a visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar. Já em terceiro surge o componente endógeno que é específico de cada estabelecimento. Neste ponto, é importante salientar que há escolas com histórico de violência escolar constante e outras que apresentam apenas casos de violência.

Na pesquisa realizada em escolas por Zaluar e Leal (2001), os dados que apresentados revelam que, além da violência física, crianças e adolescentes pobres estão, frequentemente, sujeitos também à violência psicológica e simbólica que se manifestam nos processos de avaliação e nas formas de interação que se estabelecem entre toda a comunidade escolar - diretores, professores, funcionários, alunos e responsáveis. As autoras demonstram por que a maioria dos entrevistados tende a valorizar, na “boa escola”, o diretor que organiza (19% dos responsáveis), o funcionário que respeita (30% dos meninos) e o professor que impede a bagunça (24% dos meninos). A expressão que mais se ouviu durante nas entrevistas da pesquisa foi “dar-se ao respeito”, ou seja, síntese de um desejo da população locada em áreas pobres de ter reconhecida a sua dignidade, mas igualmente de reconhecer a dignidade do diferente.

A partir da retrospectiva e reflexão acerca da literatura analisada sobre o conflito e violência no ambiente escolar, retoma-se a necessidade de fomentar com urgência o debate sobre a educação moral no seu sentido contemporâneo de autonomia moral, entendida como preparação para o exercício da cidadania nas escolhas éticas feitas e no respeito às demais possíveis na convivência pacífica diante a diversidade. Há também a tomada de consciência por parte do Estado e da sociedade na participação na vida pública em seus diversos canais como condutor e redutor de situações de violência a partir da mediação de conflitos.

### **3 - Resultados obtidos**

#### **3.1- A perspectiva discente**

Uma das etapas do projeto “Construindo uma educação de qualidade: análise das expectativas e obstáculos quanto à transformação do ensino público no Estado do Rio de Janeiro” - UFF ; UFRRJ/DCS – incluía a realização de um banco de dados através da aplicação de questionários em escolas da rede pública estadual do Rio de Janeiro. O questionário tinha com o fim obter um panorama geral do quadro da educação pública no estado do Rio de Janeiro. O questionário continha 20 questões – 17 fechadas e 3 abertas – divididas em 4 eixos: Convivência; Infraestrutura; Formação Escolar; Funcionamento da Escola. Foram aplicados um total de 828, contando os questionários aplicados em Niterói, São Gonçalo e Duque de Caxias. No caso das escolas que os bolsistas da UFRRJ aplicaram foram 5, como listado abaixo.<sup>2</sup>

As escolas selecionadas foram o Colégio Estadual Dr. Albert Sabin. Campo Grande, Rio de Janeiro (RJ); Centro Interescolar Estadual Miecimo da Silva. Campo Grande, Rio de Janeiro (RJ); CIEP 155 Maria Joaquina de Oliveira. Fazenda Caxias, Seropédica (RJ); Centro Educacional Barão de Tefé. Dom Bosco, Seropédica (RJ); Colégio Estadual Sargento Antônio Ernesto. Cabuçu, Nova Iguaçu (RJ).

Na ocasião os estudantes estavam no fim do período letivo de 2014, o que configura a chamada “semana de provas”. Sendo assim, a administração superior – coordenação e direção - das escolas permitiu que o contato com os alunos fosse realizado somente no pátio e não em sala de aula.

Quando o questionário era entregue a um ou dois alunos, os amigos se aproximavam e pediam para responder também. Foi nítido que o questionário levou os respondentes a refletirem e pensarem sobre sua escola. Muitos deles conversavam enquanto respondiam e trocavam ideias sobre suas preferências sobre o que seria melhor para a escola e o futuro daqueles que estão

---

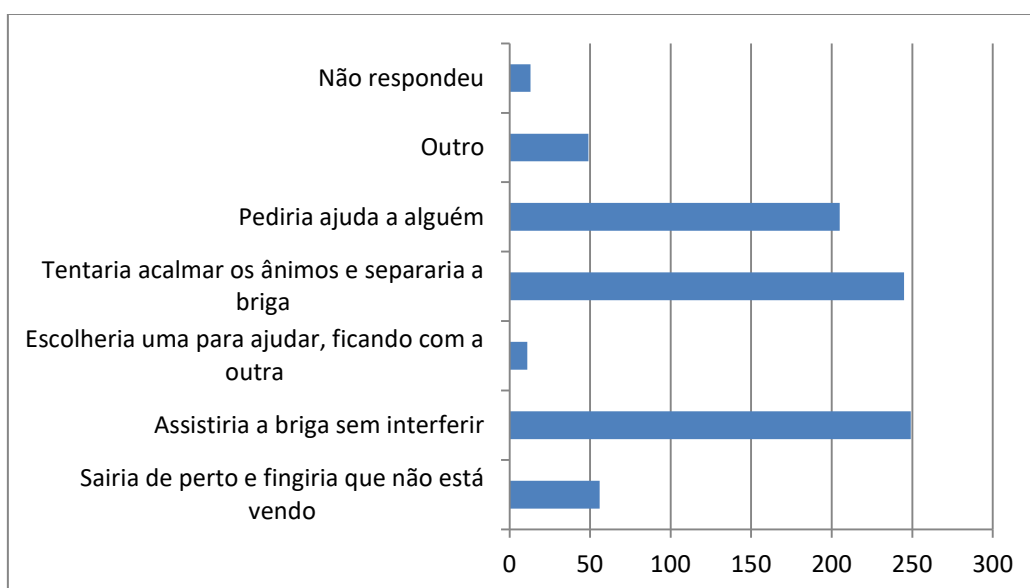
<sup>2</sup> Para entrada no campo foi feita uma parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) do curso de Ciências Sociais da UFRRJ.

envolvidos no contexto escolar - comunidade no entorno, docentes e equipe técnico-pedagógica. É visível o anseio nos jovens por educação pública de qualidade e respeito. Mesmo aqueles que faziam piadas para dar a entender que não se incomodavam com os problemas identificados, o faziam com ressentimento.

Para fins de apresentação desse artigo foram escolhidas algumas questões do relatório para análise principalmente no que tange as questões que envolvem situações de conflitos e/ ou incômodos/ reclamações sobre a escola e seu ambiente.

### Frequência das perguntas fechadas em números absolutos

Questão 7: Imagine a seguinte situação: Se duas alunas estivessem brigando em sala de aula você: *[MARQUE APENAS 1 OPÇÃO]*

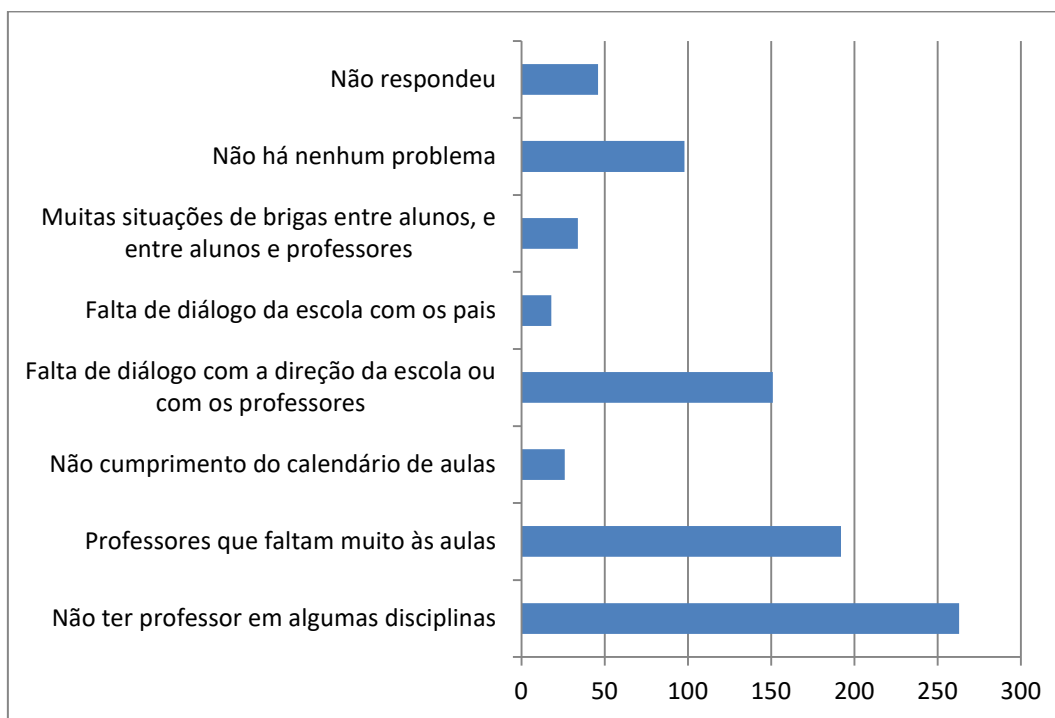


Fonte: Resultados da Pesquisa, 2015.

Como dito anteriormente no presente relatório, uma vez que a escola não administra os conflitos nela existentes, estes evoluem para a violência física. O gráfico deixa claro que os alunos divergem na postura que tomariam frente a tal situação. A parte significativa dos alunos acredita que o melhor a se fazer é “assistir a briga sem interferir”, este pensamento origina-se na falta de diálogo para resolução de conflitos. Quando os alunos não aprendem a conversar para

respeitar as diferenças e a escola não faz seu papel de mediadora, a única solução que enxergada é a violência física para o chamado “acerto de contas”.

Questão 18: Dos problemas citados quais existem na sua escola? [MARQUE ATÉ 3 OPÇÕES]



Fonte: Resultados da Pesquisa, 2015.

É possível identificar que linguagem e comunicação são fator de destaque quando se trata de conflito. Uma vez quando há ruídos nessa esfera, se inicia a intolerância a diversidade de classe, credo, grupos e posto hierárquico. No questionário acima isto fica claramente visível quando os alunos respondem que o principal problema na escola é a falta dos professores/ ou a professores que faltam muito e a ausência de diálogo com a direção e educadores.

### Perguntas abertas

*Questão 4: Quais os problemas na sua escola que mais incomodam você?*

Dos diversos problemas mencionados pelos alunos que responderam ao questionário, o citado com mais frequência é a má qualidade da infraestrutura apresentada pelos estabelecimentos escolares (242 respondentes). Como já foi



dito, Abramoway (2002) alerta que a depredação do espaço escolar está associada com administração escolar autoritária, ou indiferente e omissa. Não só as escolas da rede estadual do Rio de Janeiro, mas toda a educação no Brasil enfrenta uma crise de cortes nos repasses das verbas destinadas à área educacional. Este fato associado a atos de vandalismo prejudica a valorização da educação pública.

O segundo problema mais frequente diz respeito à precarização do ensino (148), os motivos que levam a esse quadro segundo os alunos são:

- Descomprometimento dos professores (56 respondentes);
- Falta de diálogo com a equipe técnico-pedagógica (35 respondentes);
- Carência de professores (20 respondentes);
- Autoridade do professor - excesso ou falta (10 respondentes);
- Má administração da direção (27respondentes).

Ou seja, é perceptível aos alunos que a qualidade do ensino é diretamente proporcional à atenção, preparo e comprometimento que a equipe da escola dedica às suas obrigações e responsabilidades.

*Questão 9: Você se considera protegido dentro da sua escola? Justifique.*

A grande maioria dos alunos não se considera protegidos dentro da escola. Segundo eles, o principal motivo é a falta de controle de entrada e saída de pessoas na escola (138 respondentes). A falta desse tipo de monitoramento provoca a sensação de insegurança constate, pois para os alunos “qualquer um” pode entrar quando quiser sem ser revistado e cometer atos criminosos no estabelecimento. Alguns dos estudantes citaram o caso que ocorreu em abril de 2011 na Escola Municipal Tasso da Silveira em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro. Nesta ocasião o ex-aluno da escola, Wellington Menezes de Oliveira de 23 anos, entrou na escola armado. Segundo o diretor do hospital para onde as vítimas foram levadas, 11 crianças morreram (10 meninas e 1 menino) e 13 ficaram feridas (10 meninas e 3 meninos), as crianças tinham idades entre 12 e 14 anos.

Os alunos mencionaram que o aumento da violência criminalidade está em todos os âmbitos da sociedade, portanto não se sentem seguros em lugar algum. A presença de agentes de segurança e/ou inspetores aumenta a segurança dentro da escola (68respondentes). Para eles, quando não há atuação policial (64respondentes) nos arredores e dentro da própria escola, a vulnerabilidade aumenta. Estes dados vão de contra mão a pesquisa da Abramoway (1997) onde em relatório para UNESCO, a autora afirma que o fenômeno da violência nas escolas não é evitado a partir de medidas de segurança interna aos estabelecimentos.

### **3.2 A perspectiva docente: entrevista com educadores**

Realizei durante o primeiro semestre de 2016 uma série de cinco entrevistas com profissionais da educação da rede estadual do Rio de Janeiro em diferentes municípios, incluindo professores e diretores. As entrevistas foram encaminhadas seguindo a um roteiro com que perguntas abertas que tiveram como finalidade compreender o conflito entre os alunos através da perspectiva daqueles que convivem cotidianamente no ambiente escolar. Os nomes apresentados para identificar as falas são fictícios.

Referência nas ciências sociais para pensar os conflitos sociais, Simmel (1983, apud PINTO) considerou o conflito de forma positiva, ressaltando a normalidade e importância dos conflitos na sociedade, lembra que o conflito também é uma forma de sociabilidade e cria interação dos oponentes. Segundo este autor, o conflito favorece um comportamento socializado através das diferenças, promove regulação social através de normatização e determinação de normas e regras de convivência entre os agentes em conflito. Sendo assim, ao seguirmos a leitura de Simmel os conflitos relatados no ambiente escolar seriam caracterizados como parte da vida escolar e comum entre os jovens.

Deste modo, é papel e desafio da escola, bem como de seus gestores, gerir o conflito, de modo que este não ultrapasse sua esfera considerada sadia. Entretanto, sabe-se que a ampliação do sistema público de ensino garantiu o acesso à educação para milhares de jovens, entretanto, a escola não estava

preparada para absorver tal contingente. Veremos a seguir o que profissionais da educação relatam acerca de temas caros a esta pesquisa.

### 3.2.1 Origem do conflito no ambiente escolar

Conflitos educacionais, para efeito de estudo, são aqueles provenientes de ações próprias dos sistemas escolares ou oriundos das relações que envolvem os atores da comunidade educacional mais ampla. Certamente poderíamos ainda apontar os que derivam dos exercícios de poder, dos que se originam das diferenças pessoais, dos que resultam de intolerâncias de toda ordem, os que possuem fundo político ou ideológico, o que fugiria do foco principal deste trabalho, voltado pela a escola e seu entorno.

Martinez Zampa (2005, apud CHRISPINO) enumera que a maior incidência de conflito no ambiente escolar entre alunos são por: mal entendidos; brigas; rivalidade entre grupos; discriminação; bullying; uso de espaços e bens; namoro; assédio sexual; perda ou dano de bens escolares; eleições (de variadas espécies); viagens e festas.

Quando perguntados sobre o motivo pelo qual os alunos brigavam, relatos de profissionais entrevistados corroboram a tese: “Meio difícil saber o motivo exato, teve briga que nem elas sabiam por que brigaram. Tiveram outras que foi por causa de namorado ou alguma coisa assim. Tu vê assim, não tinha muito motivo concreto.” (Marco, diretor. 2016); “Desavenças por conta de namoro, fofoca em facebook...” (Paula, professora de sociologia. 2016); “São muito imaturos. Um mexe com o outro e tem sempre um terceiro que induz à polêmica.” (Jorge, professor de língua portuguesa. 2016).

“Eles dizem que “quebram” fulano no jogo. Já presenciei uma briga em sala de aula, numa outra escola em que trabalhei, e o motivo foi que eu pedi para um aluno desligar o celular e ele não desligou, pedi novamente e um aluno perguntou se ele estava surdo. Depois disso, os dois estavam rolando no chão e fui chamar a diretora.” (Renata, professora de história, 2016).

### 3.2.2- Discriminação e preconceito.

Embora institucionalmente silenciada, a violência relacionada a práticas discriminatórias resultantes de concepções quanto a raça mostra-se evidente na comunidade escolar.

“Testemunhei um caso de injúria racial. Era uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental e um aluno (na hora do recreio) disse, dentre outras coisas, a uma aluna que ela era preta e não podia ter amigas brancas. Encontrei a aluna vítima no corredor da escola chorando muito, perguntei o que tinha acontecido e ela me relatou o fato. Fui, então, enfurecida (gostaria de ter tido mais paciência naquele dia, mas é aquilo a gente age na urgência e no improviso. Minhas convicções pessoais e minha solidariedade àquela menina chorando por algo tão absurdo gritaram nesse dia) falar com o aluno e ele me disse que era brincadeira, levei ele até a aluna chorando e pedi para que ele olhasse para ela e me dissesse onde estava a brincadeira, onde estava a graça. Acho que passei do limite. Mas, enfim... Levei o caso a direção. A mãe da menina foi chamada. Fui falar com ele de novo (porém mais calma) e ele olhou para mim com os olhos rasos d’água e me disse que havia pedido desculpas a ela, porém ela não aceitou, pedi a ele que fosse até a direção e pedisse para chamar o responsável dele também, já que a mãe da menina estava indo à escola. Ele chamou o avô, e novamente pediu desculpas a menina. A mãe da menina foi a delegacia, prestou queixa e eu fui chamada à delegacia dois anos depois do fato para testemunhar. O menino já havia saído da escola, após ter reprovado por 3 anos o 9º ano. A menina também saiu da escola.” (Renata, professora de história. 2016)

### 3.2.3- Brigas

Segundo Debarbiex (1999, apud CUNHA), a violência nas escolas está vinculada, a três dimensões socioorganizacionais distintas. Em primeiro lugar, à degradação no ambiente escolar, isto é, grande dificuldade de gestão das escolas, fazendo com que os alunos não tenham respeito e zelo pelo ambiente escolar. Em segundo à uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as torna sitiadas e manifesta-se através da penetração das gangues, do tráfico de drogas, entre outros. Em terceiro, relaciona-se a um comportamento interno das escolas, ou seja, a especificidade de cada escola. Há escolas que historicamente têm-se mostrado violentas e outras que passar por situações de violência. É possível observar a presença de escolas seguras em bairros ou áreas reconhecidamente violentas, e vice-versa, sugerindo que não há determinismo nem fatalidades, mesmo em períodos e áreas caracterizadas por exclusões, o que garante que ações ou reações localizadas sejam possíveis.

As brigas representam uma das modalidades de violência mais frequentes nas escolas, com ampla multiplicidade de sentidos, abrangendo desde formas de sociabilidade juvenis até conduta brutais. Esse tipo de agressão entre alunos manifesta-se inicialmente por ataques verbais proferidos pelos mesmos. É quando se torna difícil estabelecer demarcações precisas entre tipos de violências, como brigas e ameaças.

Adolescentes estão em fase constante e necessária afirmação diante do grupo de convivência e dos demais, Njaine e Minayo (2003, apud CUNHA) explicam que para isso manifestam-se de forma agressiva, com ameaças, brincadeiras físicas que podem levar a agressões mais sérias. Nota-se que brigas e brincadeiras se confundem em uma mesma linguagem, sendo acionadas por situações diversas: briga pelo futebol, pelo lanche, por notas, por objetos tomados uns dos outros; e mesmo por causa de namoros.

“...durante da minha aula, um pegou a mochila do outro, parti pra cima deles, separei a briga, coloquei pra fora da minha aula. Eu sei que tem professores que dizem pra não tocar nos alunos, mas eu não tenho coragem de deixar um bater no outro, se eu tiver que separar eu vou lá e separo, se eu não conseguir eu chamo alguém, eu não fico parada sem tomar atitude. Esse caso já tem dois anos.” (Paula, professora de sociologia. 2016)

Entre os fatores que desencadeiam violências como ameaças e brigas, destaca-se o “encarar”. Trata-se de uma maneira de olhar diferente, que ode significar, para os jovens, a quebra de uma regra tida como básica no ritual da comunicação não verbal. O olhar direto e insistente é assumido como desrespeitoso, desafiador e leva a confrontos.

“Em alguns casos não está acontecendo nada e elas falam ‘por quê que tá olhando pra minha cara?’ aí dali gerava confusão.”(Marco, diretor. 2016.)  
“...brigam porque olhou de cara feia e não gostou, ou por causa de namorada, fofoca de facebook.” (Paula, professoras de sociologia. 2016)

Em pesquisas sobre violência escolar, realizadas por Njaine e Minayo (2003, apud CUNHA), também constataram que, apesar dos atos considerados como mais violentos serem cometidos por meninos, suas manifestações estão cada

vez mais envolvendo meninas, principalmente quando os assuntos envolvem relacionamentos de namoro.

“As meninas brigam mais por causa de namorados.” (Jorge, professor de língua portuguesa. 2016)

As brigas entre meninas causadas por namoro, paquera e reconhecimento na escola, ocorrem porque este reconhecimento é entendido entre os alunos como a conquista de status e liderança entre os colegas de classe ou de turno (PINTO, 2015)

“Há brigas por causa de namoro. Seja porque o menino está namorando duas meninas da escola e elas descobrem e brigam, seja porque o casal termina o namoro e um deles começa a namorar outra pessoa da escola. Tem uma situação que vejo muito e na maioria das vezes ocorre com meninas, que é uma briga causada por um olhar atravessado. As meninas dizem que não gostam do jeito metido de fulana, e é interessante, porque depois elas se tornam, em muitos casos, amigas.” (Renata, professora de história. 2016)

Segundo Cunha, meninas estão utilizando os mesmos meios de imposição pela força que os meninos utilizam para conseguirem status. Deste modo, elas passam a competir em tudo com os meninos - seja no mercado de trabalho, nos estudos, grupos sociais e nos relacionamentos -, deixando para trás a feminilidade tradicional.

“Eu ‘tô’ percebendo é que as meninas estão ficando cada vez mais parecidas com os meninos em termos de conflito.” (Marco, diretor. 2016)

Assim, sobre essa perspectiva de violência entre meninas, Neves (2008, apud CUNHA) expõe que ao “recorrerem à agressão, as jovens recusam um determinado modo de ser garota e feminina e podem expressar uma agenda de mudanças que problematizam a associação da identidade feminina como necessariamente avessa à agressão”.

“Essa abertura que a sociedade gerou de uma igualdade entre gêneros, parece que as meninas estão assimilando o que não era bom nos meninos. Se a gente traduzir para a música da Valesca

Popozuda<sup>3</sup> 'é tiro porrada e bomba', essa é a educação que elas estão assimilando." (Marco, diretor. 2016)

### 3.2.4- Drogas

Há também de se considerar a circulação e o uso de drogas no ambiente escolar. Levantamentos nacionais sobre o uso de drogas entre estudantes dos ensinos fundamental e médio, realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas -Cebrid-, têm evidenciado uma associação positiva entre defasagem escolar e experimentação de drogas. Entretanto, deve-se considerar que, os pesquisadores ressaltam a existência de um quadro geral de ensino deteriorado, condições que repercutem igualmente na vida de estudantes usuários e não-usuários.

"De consumir teve um caso. Fui conversar com os alunos eles defendem o uso da droga. Achei engraçado o discurso dele "Não diretor, cada um com o seu cada um." Fez todo um discurso elaborado defendendo o direito dele de usar a droga. Exatamente. Falei pra eles que podem até usar, mas não aqui dentro da escola. Não tem nada legal em que possa se apoiar." (Marco, diretor. 2016)

Paralelamente à crise interna, a escola reflete a sociedade, os fenômenos exteriores a ela, mas que interferem diretamente em seu cotidiano, tais como a exclusão social, o desemprego, a violência, entre outros. É importante ter em mente que a questão das drogas é um problema social e, por isso, não deve ser tratada de forma individualizada, particular. Ao contrário, requer uma visão ampla do contexto no qual se insere e dos elementos que o constituem.

"Trabalhei em uma escola em que os traficantes ficavam no pátio. A polícia não entrava e constantemente os alunos, alguns visivelmente perturbados por uso de entorpecentes, diziam isso para intimidar os professores." (Renata, professora de história. 2016)

Nesse quadro, Abramovay e Rua (2002) consideraram que, para lidar-se com a questão das drogas de maneira adequada, a exigência primordial é compreender a crise social, uma vez que há um conjunto de situações

---

<sup>3</sup> Valesca Reis Santos, mais conhecida pelo nome artístico Valesca Popozuda ou apenas Valesca, é cantora e dançarina de funk, além de empresária brasileira.

diversas, que envolvem problemas profundos, atuando, inclusive, como indutor do consumo dessas substâncias.

A escola pode acionar a auto-estima e o comprometimento social e incentivar formas de sociabilidade pautadas no respeito e na solidariedade. Em muitos casos, predomina no imaginário social, como vontade, uma valoração positiva da escola. A escola goza de legitimidade na comunidade de relações sociais primárias na família, e, em particular, entre os jovens. No caso dos alunos consumidores de drogas, faz-se necessário o apoio de serviços e profissionais especializados.

“Há consumo de drogas principalmente no noturno. A antiga diretora teve que chamar a polícia para manter pelo menos razoável a conversa na escola. Hoje, apesar de não concordar com a presença da polícia, não posso deixar de perceber que o consumo de drogas diminuiu consideravelmente, o problema é que foi através da repressão e não do diálogo.” (Caio, professor de física e matemática. 2016)

A orientação da UNESCO é combinar programas de prevenção na escola com a construção de uma escola protetora/escola protegida, ou seja, escolas voltadas à proteção integral, o que passa por lidar com o tema de drogas não somente por meio de programas específicos, mas por uma outra concepção de escolas que estimulem outras buscas, novos conhecimentos e a ênfase no lúdico em outros sentidos do prazer (que não as drogas), na solidariedade, no conhecimento de qualidade, na ideia de pertencer e de ser sujeito de projetos individuais e sociais.

### 3.2.5- Mediação do Conflito

Segundo Prestes Motta e Alcadipani (1999, apud SANTANA) as situações de conflito disciplinares na escola têm sido resolvidas por meio de conversa usando a “cordialidade” e a “camaradagem” para não acarretar prejuízo social e moral ao aluno que deveria receber a devida punição. Esse fenômeno, chamado de “jeitinho”, é uma forma pessoal de resolver problemas individuais sem aplicar a lei, mas que produz resultados positivos e difere-se da malandragem, das desigualdades e das diferenças porque, nesse caso, não



acarreta prejuízos. Entretanto, tal estratégia pode vir a acobertar casos de violência moral e psicológica.

“Esse episódio que eu citei dos meninos que foram pegos fumando maconha no banheiro, onde apenas um estava fumando e o outro estava tomando conta pro outro fumar. Como aqui tem os policiais no pátio, depois de conversar com eles, eu chamei o policial pra ter uma segunda conversa na minha presença pra mostrar a diferença entre a atitude do policial e a da escola. O policial foi muito ríspido com ele no discurso, mas eu estava perto obviamente tomando conta do policial. Fiz isso pra eles verem que se ele sai do âmbito escolar receberia um tratamento bem diferente, que eles deveriam pensar bem que se eles não seguirem o nosso caminho, que é da educação, vão acabar seguindo um caminho que quem vai cuidar deles é a polícia e não é um bom caminho.” (Marco, diretor. 2016)

Há, controvérsias na literatura sobre a atuação do policial na escola alguns autores como Abramovay e Rua (2004) e Ruotti, Alves e Cubas (2006, apud SANTANA) enfatizam que a atuação do policial na escola é positiva e satisfatória, entretanto, esses mesmos autores e também Porto (2004, apud SANTANA) relatam que a atuação do policial pode ser negativa e insatisfatória, pois representa uma ameaça à segurança da escola devido ao fato de alguns alunos sentirem-se incomodados com a presença do policial. Também descrevem que os policiais são brutos e ignorantes, sem trato com os alunos, fazem “vistas grossas” para certos acontecimentos e por isso não transmitem segurança aos alunos.

Chrispino (2007) chama de mediação de conflito o procedimento no qual os participantes com a assistência de uma pessoa imparcial – o mediador –, colocam as questões em disputa com o objetivo de desenvolver opções, considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável. A mediação pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais.

Entretanto, a narrativa dos entrevistados, releva um quadro de negligência. Quando questionados acerca da metodologia utilizada pela escola voltada para a mediação das divergências/diferenças existentes entre os alunos, as respostas dadas foram:

“A escola não pensa numa dinâmica específica. Resolvem-se os casos de acordo com a frequência com que eles acontecem.” (Caio, professor de física e matemática. 2016)

“Não há trabalhos na escola voltados para as diferenças ou mesmo para as violências físicas e psicológicas que os alunos vivenciam. É difícil pensar em sala de aula, porque tudo que eu faço, quando percebo uma situação de violência, é muito no improviso, seja conversando com os alunos sobre violência ou mesmo passando trabalhos.” (Renata, professora de história. 2016)

A mediação induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social. É fundamental para a introdução da mediação de conflito no universo escolar, assumir que existem conflitos e que estes devem ser superados a fim de que a escola cumpra melhor as suas reais finalidades.

“Não existe prevenção de violência. Na verdade, acho que não há conversa nem depois do fato ocorrido. O que existe é uma punição, que normalmente é uma suspensão do aluno que provocou a violência. O aluno vítima às vezes fica satisfeito, às vezes não. O assunto fica entre direção e coordenação. Os alunos e o corpo docente em geral ficam de fora. Às vezes outro professor fica sabendo da violência, mas não há uma discussão sobre as motivações, ou mesmo uma conversa sobre violência. É como se ela não existisse.” (Renata, professora de história. 2016)

Há, portanto, segundo Chrispino (2007), dois tipos de escolas: aquela que assume a existência de conflito e o transforma em oportunidade; e aquela que nega a existência do conflito e, com toda a certeza, terá que lidar com a manifestação violenta do conflito, que é a tão conhecida violência escolar.

“...tentei conseguir um orientador educacional, que a escola não possui oficialmente. Aí desloquei uma funcionária da secretaria para a função de orientadora educacional pra ver se diminui esses conflitos. E a outra proposta era entre os trabalhos pedagógicos mesmo que os professores trabalhassem esse tema. [...] Como diretor eu acabo tendo mais poder, mas do ponto de vista prático fico limitado porque não sou eu que vou pra sala dar a aula, posso sugerir, mas se o professor não aderir fica difícil.” (Marco, diretor. 2016)

“Como a escola só resolve os conflitos quando esses já chegaram a esfera da agressão física, fica extremamente complicado mediar. Na atual conjuntura da educação estadual, a falta de funcionários específicos para assumir esses cargos de prevenção às agressões também é uma problematização grande, pois o professor não tem ninguém para ajudá-lo.” (Caio, professor de física e matemática. 2016)

#### **4- Conclusão**

As escolas que valorizam o conflito e aprendem a trabalhar com essa realidade, são aquelas onde o diálogo é permanente, objetivando ouvir as diferenças para melhor decidirem; são aquelas onde o exercício da explicitação do pensamento é incentivado, objetivando o aprendizado da exposição madura das ideias por meio da assertividade e da comunicação eficaz; onde o currículo considera as oportunidades para discutir soluções alternativas para os diversos exemplos de conflito no campo das ideias das ideologias, do poder, da posse, das diferenças de toda ordem; onde as regras e aquilo que é exigido do aluno nunca estão no campo do subjetivo ou do entendimento tácito: estão explícitos, falados e discutidos. Em síntese, deve-se deixar explícito aquilo que espera-se dos estudantes e o que a escola está disposta a fazer assim de tona a escola um ambiente seguro onde seja possível fomento da educação pública de qualidade.

#### **5 – Referências teóricas:**

ABRAMOVAY, M; RUA, MG. . Violência nas escolas. 2. Ed. Brasília: UNESCO, 2002. V. 1.400p.

AGUIAR, Vandelson Lima. A escola pública e o dilema da falta de acessibilidade: as barreiras arquitetônicas na Escola Centro Educacional Raimundo Pereira – CERP. UFRJ. 2014. Disponível em: <http://www.medicina.ufrj.br/acessibilidadecultural/sitenovo/wp-content/uploads/2014/07/A-escola-publica.pdf>. Acesso em: 13. set de 2015.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Drogas nas escolas: versão resumida. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos anos modelos de mediação. Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

PINTO, Nalayne Mendonça. (2015) Percepções de jovens sobre conflitos e violências na escola. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Edição Especial no 1; - pp. 165-187.

SANTANA, Edna Miranda Ugolini; SANTANA, Levy Aniceto-UCB; LIMA, Diogo Acioli-UCB. Atuação do policial no combate à violência escolar. In: Congresso nacional de educação - educere. 2013. p. 1-14.

ZALUAR, A.; LEAL, M.C. Violência extra e intramuros. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 16, nº 45, fevereiro, 2001.

#### SITES CONSULTADOS

GOVERNO DO BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. 1996. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 10 set. 2015.

PRAZERES, Leandro. Apesar de maioria a favor, Câmara rejeita redução da maior idade penal. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/07/01/reducao-da-maioridade-penal-rejeitada.htm>> Acesso em: 13 set. 2015.